

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
ENSINO SECUNDÁRIO

UNIDADE LETIVA 3

Ética e economia

Propostas de soluções para as atividades inseridas
no manual do aluno

ÍNDICE

3	ÉTICA E ECONOMIA
3	Proposta de atividade (p. 12)
4	Proposta de atividade (p. 13)
4	HISTÓRIA E PRINCÍPIOS DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA
4	Proposta de atividade (p. 15)
5	Proposta de atividade (p. 18)
6	Proposta de atividade (p. 19)
7	Proposta de atividade (p. 20)
7	DESIGUALDADE E POBREZA
7	Proposta de atividade (p. 28)
8	Proposta de atividade (p. 30)
8	Proposta de atividade (p. 32)
9	GLOBALIZAÇÃO DOS NEGÓCIOS... E DA SOLIDARIEDADE
9	Proposta de atividade (p. 33)
9	Proposta de atividade (p. 38)
10	CONSUMISMO, EMPRÉSTIMOS E ENDIVIDAMENTO
10	Proposta de atividade (p. 40)
10	Proposta de atividade (p. 41)
10	Proposta de atividade (p. 43)
11	Proposta de atividade (p. 46)
12	PUBLICIDADE, PODER OMNIPRESENTE
12	Proposta de atividade (p. 49)
12	Proposta de atividade (p. 52)
13	ATIVIDADE ECONÓMICA E DESCALABRO ECOLÓGICO
13	Proposta de atividade (p. 54)
14	Proposta de atividade (p. 56)
14	Proposta de atividade (p. 57)
15	Proposta de atividade (p. 59)
16	A POBREZA COMO OPÇÃO
16	Proposta de atividade (p. 61)
16	Proposta de atividade (p. 62)

ÉTICA E ECONOMIA

Proposta de atividade (p. 12)

1.1. A primeira visão opõe ética e economia. No quadro desta visão, considera-se que a economia sai prejudicada quando entra em campo a ética. E a ética parece deslocada quando se move no campo da economia. O sistema económico funciona sem ética (lei do mais forte, exploração dos empregados, exploração da empresa, fuga a impostos, Estado pouco responsável, empresas desleais, etc.). A ética atrapalha a competição e o lucro.

A segunda perspectiva vê ética e economia como realidades inseparáveis e em permanente diálogo. O sistema económico funciona melhor com ética. Esta dá sentido e continuidade ao agir económico. Permite uma visão a longo prazo.

Na nossa sociedade parece prevalecer a primeira visão, principalmente se atendermos ao que é veiculado pela comunicação social. No entanto, a ética está mais presente do que parece. E há mais valores positivos no mundo económico do que negativos.

1.2. A melhor opção, a mais humanizante, a que trará mais felicidade individual e paz social é, naturalmente, a segunda, embora, no imediato, em certas circunstâncias, a primeira pareça ser a mais adequada. Na economia, como em qualquer atividade humana, devemos fazer o que é correto e não o que nos convém sem atender aos valores morais.

2. As atividades económicas sem valores morais tornariam a vida impossível. Colaboradores desonestos levariam a empresa à falência em pouco tempo. Tal situação implicaria a instalação de um dispendioso sistema de vigilância, por exemplo. Provocaria mau ambiente entre colaboradores e gestores. Imaginemos uma ida ao supermercado sem o valor da confiança. O consumidor teria de abrir todas as embalagens, experimentar todos os produtos, provar todos os alimentos que desejava comprar. Na realidade, o cliente confia que o que está dentro de uma lata de conservas corresponde ao rótulo. Confia que o pão é feito de trigo e adequado à alimentação humana. O valor da confiança é fulcral e está muito mais presente do que supomos.

3. Os valores dão significado à vida e são modelos para a ação. Despertam a vontade para trabalhar. São fontes de energia. Orientam, dão força, motivam, geram prazer na ação, ajudam a equacionar o presente em função do longo prazo, ajudam a assumir uma visão positiva das atividades e da vida.

Proposta de atividade (p. 13)

1. É erro julgar que a ordem económica e a moral devem viver separadas porque ambas têm como protagonista o ser humano. De acordo com o texto, a economia procura satisfazer as necessidades humanas, enquanto a ética ajuda a humanizar a pessoa. Em ambos os casos, o ser humano está no centro. Assim, a simples satisfação das necessidades materiais não é condição suficiente para a humanização da pessoa. Só a junção dos valores económicos e éticos torna o ser humano inteiramente humano.

2. Pio XI defende que, se as leis económicas determinam quais os fins da atividade humana, a ética orienta para o fim supremo. O que orienta para o mais importante (o fim supremo) tem de estar presente nos fins imediatos. Por outras palavras, não faz sentido que o ser humano assuma um sentido global para a vida e, simultaneamente, desenvolva atividades intermédias (económicas) em contradição com esse sentido.

João Paulo II considera que os problemas do mundo só podem ser resolvidos com «valores ético-religiosos específicos». Se Pio XI aponta a especificidade do ser humano como motivação para a entrada da ética nas questões económicas, João Paulo II defende que a ética é necessária para encontrar uma «solução para os graves problemas nacionais e internacionais».

3. O ser humano, sem qualquer dúvida.

4. Advêm, entre outras, estas: o ser humano é a medida da justeza das atividades económicas; estas não devem contradizer os direitos humanos ou a dignidade humana. A economia está em função do ser humano e não o contrário.

HISTÓRIA E PRINCÍPIOS DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

Proposta de atividade (p. 15)

Exemplo:

Nome: Camilo de Lellis

Época e local em que viveu: Nasceu em 1550, perto de Nápoles, sul de Itália.

Etapas da sua vida: Foi ordenado padre em 1584. Fundou uma ordem religiosa, a Ordem dos Ministros dos Enfermos, conhecida por «Os Camilianos», reconhecida pelo papa em 1586. Morreu em 1614.

Condições sociais da época: Instabilidade perante a ameaça muçulmana (época da Batalha de Lepanto). Época de fomes, principalmente por volta de 1590 (grande fome em toda a Itália). Com a fome e o frio do inverno, em Roma terão morrido sessenta mil pessoas. Ser doente significava ser abandonado num hospital, que era, na prática, um depósito de doentes.

Problema social a que respondeu: Cuidado dos doentes nos hospitais (Camilo de Lellis sofreu durante vários anos de uma úlcera numa perna, o que o terá despertado para o sofrimento dos outros); fome em tempos de crise e peste.

Frase (que o levou a criar uma nova organização): «Ah! Seriam necessários aqui homens que não fossem conduzidos pelo amor ao dinheiro, mas pelo amor de Nosso Senhor; que fossem verdadeiras mães para esses pobres doentes e não mercenários. Mas, onde encontrar tais homens?»

Proposta de atividade (p. 18)

1. Ficou conhecido por «questão operária» o conjunto de problemas relativos à condição social dos trabalhadores, nomeadamente as más condições de trabalho, a exploração do esforço dos operários, a par da atração que estes sentiam por ideologias socialistas, geralmente opostas à fé cristã. A «questão operária», um problema novo (*res novae*) na história, levou o papa Leão XIII a escrever um documento dando orientações a trabalhadores e líderes religiosos, a *Rerum Novarum*, de 1891.
2. O relatório, de preferência contextualizado historicamente (finais do séc. XVIII e séc. XIX) e geograficamente (Inglaterra, Alemanha, França ou norte de Itália), deverá mostrar as seguintes condições: longas jornadas de trabalho (não havia o limite das oito horas), salários de miséria, a prática dos castigos físicos, o trabalho infantil, más condições de higiene e saúde (barulho, fumos, humidade, falta de luz...), promiscuidade entre homens, mulheres e crianças, deslocação de populações do campo para os subúrbios das cidades (com más condições de habitação), ausência de proteção no desemprego e na doença, etc.
3. O papa refere o dever de lutar contra a miséria e procurar para os trabalhadores uma sorte melhor. Nomeadamente, encontrar sistemas de proteção, alternativas ao desaparecimento dos princípios e do sentimento religioso das leis e das instituições públicas (era notória a debandada dos operários da prática religiosa) e defender os assalariados da desumanidade que decorria da «cobiça duma concorrência desenfreada».

Proposta de atividade (p. 19)

1. Significa que, segundo Marx, as pessoas usam a religião como uma droga, uma ilusão. Por outras palavras, a religião serve na sociedade como consolo dos oprimidos, ao prometer para o além a justiça em relação ao sofrimento por que passam na vida terrena. Em vez de promover a luta por condições mais humanas, aqui e agora, promove a resignação.

2.1. A luz ilumina, suprime as trevas. O sal conserva e realça o sabor dos alimentos.

2.2. Entre as muitas interpretações possíveis, Jesus poderia querer dizer que, sendo luz, devem resolver as situações mais obscuras do ambiente em que vivem; sendo sal, devem ser fator de diferença e mudança, em tudo contrário ao acomodamento e à indiferença.

2.3. Ser sal e luz não é compatível com ser ópio. O ópio amolece, narcotiza, ilude, distancia dos problemas, faz perder a consciência... Ser luz e sal desperta a consciência, torna-nos ativos, interventivos.

3. Não será difícil constatar que das três dimensões (evangelizadora-profética; litúrgica-sacramental e caritativa-real), a litúrgica é a que é mais visível por causa das celebrações nos templos. Talvez se notem défices de denúncia profética e de caridade (faltam intervenções para resolver os problemas), mas é preciso realçar que as três dimensões devem estar unidas. Não faz sentido celebrar bem, se a celebração não for o ponto de chegada da evangelização e da ação social, ao mesmo tempo que é ponto de partida para uma intervenção mais criativa e generosa fora do templo.

4. (Note-se que esta pergunta está relacionada com as duas da proposta de atividade seguinte, sendo, em parte, redundantes.) A nível pessoal (para além do grupo, da paróquia ou da escola), o aluno pode elencar as suas ações e atitudes em cada uma das dimensões para verificar se é, digamos, «um cristão equilibrado». Uma sugestão possível será fazer um boneco com cabeça, tronco (coração) e membros e escrever em cada uma das partes as ações cristãs nelas simbolizadas (ver texto no início da página 19). A partir daí, poderá colocar algumas questões para alcançar a tal proporcionalidade:

- Que situações económicas no meu meio são injustas e deviam ser denunciadas e tornadas públicas? Como denunciá-las?
- Que situações exigem a solidariedade das pessoas (caridade)? Que transformação é exigida para que haja mais justiça e bem-estar? Como operá-la?
- Que situações devem ser mais celebradas?

Proposta de atividade (p. 20)

1. A denúncia na doutrina social da Igreja consiste em alertar para situações de pecado, ou seja, situações de injustiça e violências que atravessam a sociedade. A denúncia «faz-se juízo e defesa dos direitos ignorados e violados», especialmente dos pobres, dos pequenos, dos fracos.

O anúncio da DSI funda-se numa visão global do ser humano para apelar, orientar e formar as consciências, sem pretender, de um modo direto, estruturar e organizar a sociedade.

2. Pobreza, desemprego, injustiça, crise económica, globalização desigual, crise ambiental... poderão ser algumas das muitas questões a apontar. Note-se que problemas como o aborto ou a crise da família não são específicos da doutrina social. Como o nome indica, a DSI aborda questões sociais, principalmente económicas e políticas.

DESIGUALDADE E POBREZA

Proposta de atividade (p. 28)

1. Resposta dependente da experiência do aluno e da sua atenção à realidade social. Note-se que estão em questão dois conceitos diferentes: pobreza (privação material) e desigualdade (diferença de rendimentos).

2. Na realidade, quase todos os princípios estão em causa em mais do que um dos «números que escandalizam». A dignidade humana, por exemplo, é negada nos vinte e quatro mil que morrem à fome diariamente. O bem comum (condições para cada um se realizar) é negado pelo sistema económico que não distribui a riqueza para todos, ao proporcionar, por exemplo, apenas seis euros por dia a setecentos mil portugueses. O destino universal dos bens está em causa nas fortunas maiores do que o Produto Interno Bruto (PIB) de certos países. A subsidiariedade poderá estar em causa duplamente na atribuição do Rendimento Social de Inserção (RSI). Na sua primeira dimensão, O RSI pode ser mais justamente atribuído por instituições próximas das pessoas, evitando fraudes e abusos (de notar que, de facto, é uma subvenção estatal atribuída em parceria com instituições locais, mas a sua prática não está isenta de abusos publicamente reconhecidos); na sua segunda dimensão (a do *subsídium*), não chega a todos os que precisariam, nem em quantidade suficiente para uma vida digna. A participação na vida económica, cultural, política... é claramente dificultada pela falta de rendimentos. Estão nessa situação os 18% de portugueses em risco de pobreza. A solidariedade está habitualmente em causa nas fortunas pessoais maiores do que a produção de países ou nos

2% que detêm 50% da riqueza mundial (apesar de serem públicas as doações de alguns dos multimilionários a projetos de ajuda humanitária). A justiça, principalmente nas dimensões distributiva e social, obviamente, está em causa na privação de rendimentos e na desigualdade. Finalmente, não pode haver liberdade se se mantiver a fome ou baixos rendimentos, nem um sistema justo sem verdade e transparência. Todas as situações apelam a uma transformação que exige protagonistas incendiados pelo amor, pela caridade social e política.

Proposta de atividade (p. 30)

1. Os diferentes tipos de linguagem revelam diferentes concepções sociais e atitudes perante os problemas. Se dissermos «pobreza», tendemos a falar de um estado e pensamos mais em situações inalteradas e supostamente inalteráveis. Se dissermos «empobrecimento», como a CNJP, falamos de um processo, o qual poderá e terá de ser alterado. Havendo empobrecimento, há causas, protagonistas, vítimas, explorados, exploradores, leis, práticas... que é preciso identificar e sobre as quais é preciso agir.

2. Portugal: Baixas qualificações; falta de empreendedorismo; baixos rendimentos; reformas exíguas; desemprego. Mundo: guerras; intempéries; ausência de democracia; dívida externa; corrupção; destruição de recursos naturais (ou sua exploração em favor de uma minoria)...

3. Podemos acrescentar, entre outras, as seguintes: mentalidade de dependência (principalmente em relação ao Estado) e pouca iniciativa geradora de riqueza; sistema de segurança social ineficiente (mais gerador de dependência do que de oportunidades para quem tem poucos recursos financeiros); sistema educativo ineficaz e pouco gerador de ascensão social; sistema comercial internacional injusto (ex. altas taxas alfandegárias para produtos do Terceiro Mundo; agricultura subsidiada nos países desenvolvidos; mercados dos países ricos protegidos e inacessíveis aos países mais pobres — como alguém disse, a melhor ajuda que se pode dar a um país pobre é comprar o que produzem); delapidação dos recursos pelas multinacionais; manipulação dos preços das matérias-primas; neocolonialismo, etc.

Proposta de atividade (p. 32)

1. Frente assistencial (satisfação das necessidades básicas); frente promocional (tornar a pessoa protagonista da sua saída da pobreza); frente estrutural (mudanças sociais, políticas, legislativas, etc. que tornem a sociedade mais rica e mais justa).

2. Depende do contexto do aluno.

3. Alguns exemplos: O Banco Alimentar é assistencialista. A Cáritas terá programas assistencialistas e outros promocionais. Uma ONG poderá praticar as duas primeiras dimensões. Se for ONGD (para o desenvolvimento), tende a destacar a segunda dimensão nas suas práticas e a terceira nos seus discursos. Uma paróquia poderá atuar nas três frentes (a terceira pode concretizar-se no incentivo à participação política dos cristãos). Um partido político deverá estar centrado na terceira dimensão.

4. Atividade prática. Será importante avaliar a experiência no final e, quem sabe, dar sugestões à organização com base nesta unidade letiva.

GLOBALIZAÇÃO DOS NEGÓCIOS... E DA SOLIDARIEDADE

Proposta de atividade (p. 33)

1. A resposta depende de cada aluno. À lista podem acrescentar-se os seguintes itens: rede social que frequenta; heróis; séries televisivas; automóvel dos pais; cantores e grupos preferidos...

2. Talvez se verifiquem duas tendências, embora o exercício pretenda revelar o mundo aberto em que vivemos e a interdependência global: predomínio anglo-saxónico nos aspetos culturais e predomínio oriental, nomeadamente chinês, nos produtos industriais. Na procura da nacionalidade podem surgir algumas ambiguidades para as quais convém estar atento: Harry Potter, por exemplo, é inglês, apesar de popularizado por filmes de Hollywood; o Hotmail foi criado por um indiano e depois vendido à Microsoft; a Samsung é da Coreia do Sul; os Tokio Hotel são alemães...

Proposta de atividade (p. 38)

1. Aspetos negativos apontados por João Paulo II: atribuição de valor absoluto à economia; perda de qualidade dos serviços públicos; destruição do ambiente e da natureza; aumento da assimetria entre ricos e pobres; concorrência injusta que põe as nações pobres numa situação de inferioridade sempre mais acentuada.

2. Para que a globalização não seja injusta há que evitar os aspetos negativos apontados na resposta anterior, principalmente promovendo o acesso dos países mais pobres aos mercados em condições de igualdade (último aspeto). O segundo texto afirma que é preciso: a) uma tomada de consciência

das novas tarefas; b) respeito pelos direitos das pessoas e dos povos; c) distribuição equitativa das riquezas d) sujeição às exigências da justiça social e) atenção às especificidades culturais f) respeito pelas liberdades (com destaque para a liberdade religiosa).

CONSUMISMO, EMPRÉSTIMOS E ENDIVIDAMENTO

Proposta de atividade (p. 40)

Teste realizado por cada aluno de acordo com as suas condições específicas.

Proposta de atividade (p. 41)

1. Respostas dependentes de cada aluno. Supõe-se que prestem culto a objetos eletrónicos como telemóveis, jogos, mp3... Certas marcas de roupa...
2. Resposta dependente de cada aluno. Se disser que não, mesmo assim deverá responder à questão seguinte.
3. Resposta dependente de cada aluno.
4. O autor fala de uma ilusão em dois momentos. Primeiro, tendemos a conceber o valor social de cada pessoa pelas mercadorias e bens que a cercam. Depois, tendemos a acreditar que de certos objetos (marcas) «emana uma energia que nos cobre como uma bendita unção, a de que pertencemos ao mundo dos eleitos, dos ricos, do poder». Os exemplos que concretizam esta ilusão virão dos fãs acérrimos de determinadas marcas.
5. Consiste em passear pelo meio dos bens materiais (Sócrates nas ruas comerciais de Atenas; nós num concorrido centro comercial) e sentir-se livre por não precisar de nada do que está exposto para ser feliz.

Proposta de atividade (p. 43)

1. À sociedade de consumo está subjacente um modelo de ser humano produtor e consumidor de bens. Vive-se para produzir e, principalmente, consumir. Isto conduz a formas de materialismo crasso, que consistem na mera satisfação de necessidades continuamente renovadas e aumentadas, muitas vezes sufocando as aspirações mais profundas e mais autenticamente humanas. Não é, de forma

nenhuma, um modelo ou imagem integral do ser humano, que respeite todas as dimensões da sua existência.

2. Perigos da sociedade de consumo: tornar-se escravo da posse e do gozo imediato; viver criando permanentemente desperdícios e estragos; desvalorizar objetos pelo aparecimento constante de novos e mais modernos; viver em função de um materialismo grosseiro; deixar-se subjugar pela insatisfação radical («quanto mais se tem mais de deseja»); sufocar as aspirações mais profundas; enveredar por estilos de vida objetivamente ilícitos e frequentemente prejudiciais à saúde física e espiritual.

3. João Paulo II defende que o sistema económico, em si mesmo, não possui critérios que permitam distinguir e educar as necessidades. Por isso, é necessária uma educação dos consumidores para o uso responsável do poder de escolha; por outro lado, é preciso incentivar a formação do sentido de responsabilidade nos produtores; e é premente fazer o mesmo em relação aos profissionais da comunicação social. O papa sugere ainda a intervenção das autoridades públicas, embora não diga de que forma (institutos, organismos, entidades reguladoras, etc.).

Proposta de atividade (p. 46)

Alguns princípios para evitar o hiperconsumismo, entre outros possíveis:

1. Pensar várias vezes antes de comprar determinado objeto, colocando perguntas como: Preciso mesmo disto? Não haverá melhor maneira de aplicar o meu dinheiro num bem mais necessário?
2. Hierarquizar as necessidades (básicas ou secundárias; essenciais ou supérfluas) e decidir com base nessa hierarquia de valores.
3. Tomar consciência de que gastar é poluir. Não será melhor não gastar para não poluir?
4. Adiar algum tempo o impulso para comprar, de modo a poder ponderar se corresponde a uma autêntica necessidade.
5. Nunca pedir emprestado para gastar em consumo (exceto quando se trata de bens de primeira necessidade, como uma habitação...).
6. Fazer uma lista prévia dos bens a comprar sempre que se vai às compras e não fugir a essa lista. As superfícies comerciais são peritas em influenciar os consumidores para comprarem o que precisam e o que não precisam.
7. Equacionar a imagem pessoal que o bem a adquirir transmite: generosidade ou egoísmo, valorização do ser ou do ter, frivolidade ou profundidade, interesse por bens materiais ou por bens culturais e mesmo espirituais?

PUBLICIDADE, PODER OMNIPRESENTE

Proposta de atividade (p. 49)

1. Consoante a época do ano, encontram-se exemplos de insistência num determinado tipo de produtos (por exemplo, Natal e brinquedos, dia dos namorados e flores, Páscoa e amêndoas, regresso à aulas e produtos escolares...) que configuram uma certa agressividade. O uso de figuras religiosas e de preconceitos sociais bem como certos efeitos visuais e sonoros podem contribuir para fornecer exemplos.

2. Resposta dependente de cada aluno. Caso insistam em sustentar que não são influenciados pela publicidade, convém perguntar que objetos usam, o que gostariam de ter como presente de Natal ou de anos, o que vestem, quais os programas preferidos...

3. Boa publicidade é a que diverte, informa, seduz, é bem produzida e não fere valores éticos fundamentais. Má publicidade é a que manipula, desinforma, mente, não é bela, é monótona, fere valores éticos como a verdade, a transparência, a liberdade alheia, etc.

4. A resposta só pode ser negativa. O texto «Efeitos indesejáveis» apresenta um exemplo. Por outro lado, o que é eticamente condenável, como a droga e a pornografia, não deve ser publicitado. O que faz mal à saúde, como o tabaco, tem de ser limitado (na realidade, na maior parte dos países ocidentais, é proibido). O que é dirigido a pessoas com pouco sentido crítico (crianças, por exemplo) tem de obedecer a mais restrições (ver os «Sabias que...» do final deste ponto). Produtos para adultos, como bebidas alcoólicas, não devem ser publicitados em horários ou espaços frequentados por crianças, etc.

Proposta de atividade (p. 52)

1. A publicidade deve

- a) respeitar a pessoa humana;
- b) levar a opções responsáveis;
- c) primar pela verdade;
- d) etc.

A publicidade não deve

- a) enganar;
- b) omitir dados pertinentes;

- c) iludir;
- d) explorar a fragilidade humana;
- e) transmitir uma imagem errada da família;
- f) explorar a ingenuidade;
- g) explorar angústias;
- h) levar à aquisição de bens ou serviços de interesse duvidoso;
- i) ajudar a poluir;
- j) encorajar estilos de vida faustosos;
- k) etc.

2. Na análise de uma revista ou de *spots* televisivos, deve ficar patente que há uma predileção por pessoas jovens e bonitas (a maior parte das pessoas não é assim); as mulheres são irreais, fora da «normalidade»; promete-se a felicidade (qualquer pessoa verificará que, uma vez conseguido tal bem, a felicidade não aparece); promete-se um preço aliciantemente baixo («só 4,99 euros», «apenas...», «comece a pagar apenas em janeiro», «sem entrada nem juros»...), etc. O exercício servirá para formar o sentido crítico do aluno.

ATIVIDADE ECONÓMICA E DESCALABRO ECOLÓGICO

Proposta de atividade (p. 54)

1. Resposta dependente da atualidade noticiosa.
2. O ser humano e a sua atitude depredadora e consumista.
 - 3.1. Não basta que as medidas sejam tomadas pelos governos. São necessárias ambas as coisas. As decisões governamentais podem incentivar e por vezes obrigar a determinados comportamentos individuais e coletivos Mas há uma tomada de consciência individual que pode e deve ser prévia a qualquer decisão governamental. A ética da convicção deve mover cada um para o cuidado com o meio ambiente, independentemente das leis, dos governos, do sentir coletivo.
 - 3.2. Resposta dependente do contexto pessoal. Caso não haja medidas, sugere-se que sejam elaboradas. A turma pode sugerir à escola (ou o aluno à sua família).
 - 3.3. Resposta dependente de cada aluno.

Proposta de atividade (p. 56)

1. O texto aponta várias: perda de produção agrícola, avanço dos desertos, migrações humanas («imigrantes ambientais»), escassez de água em certos países, tensões entre Sul e Norte, descoberta de novas jazidas energéticas (por causa do degelo), novas rotas comerciais (*idem*), guerras pelo controlo da energia...
2. Uma boa parte das consequências é de ordem humana e social, como as migrações e os conflitos. As mudanças ambientais influenciam, obviamente, os seres humanos que habitam tais espaços.
3. Mais nos países que já são pobres, geralmente quentes e por vezes já desérticos ou semidesérticos, mas os efeitos serão sentidos em todo o mundo porque o clima não escolhe países ou continentes.
4. As pessoas dos países desenvolvidos (porque mais gastadores e consumidores).
5. Maioritariamente as pessoas dos países pobres, porque não têm recursos para se defenderem, nem habitam casas e cidades com serviços adequados, nem os seus países têm estruturas de salvaguarda (ex.: serviço de aviso prévio de catástrofes; meios de comunicação fiáveis; socorro rápido a emergências; possibilidade de deslocação rápida de pessoas — tudo recursos possíveis nos países desenvolvidos).
6. Tal como a obra «1984», de George Orwell, serviu para mostrar em 1948 como seria uma sociedade controlada pelo «Big Brother» (não confundir com o programa televisivo que se inspirou nessa figura; o «Big Brother» original é o vigilante da autoridade repressiva), numa alusão ao controlo totalitário que nessa época acontecia em alguns países, o texto «2080» pretende falar do mundo de 2008. Não é futurologia. É atualidade.

Proposta de atividade (p. 57)

1. O erro consiste no ser humano considerar-se proprietário da Terra, que é criação de Deus, na perspectiva cristã. «Pensa que pode dispor arbitrariamente da Terra...» em vez de ser «colaborador».
2. Segundo os textos, o ser humano deve ser colaborador, nunca explorador nem destruidor. Deve ser senhor e guarda, inteligente e nobre, reconhecendo que há um Criador, esse, sim, proprietário da Terra. Esta conceção infunde uma nova atitude no ser humano, contrária à largamente descrita em CA 37.

3. O texto deverá explorar tópicos como a indignação de Deus por encontrar rios poluídos, espécies animais e vegetais extintas pela ação humana, lixeiras, oceanos com toneladas de lixo a boiar, cidades sujas, barulhentas, cheias de fumo, terra esventrada de tanto ser explorada, etc.

Proposta de atividade (p. 59)

1. Bento XVI alerta para o exagero de se considerar a «natureza material ou animal mais importante do que o ser humano» e apela a avaliações do problema sem «acelerações ideológicas para conclusões apressadas». Poderá nestas afirmações visar quer os grupos ecologistas que defendem um biocentrismo, preterindo o ser humano, quer os que por interesses económicos e ideológicos pretendem impor visões interesseiras da questão ecológica.

2. Porque o alarmismo é mau conselheiro e há grupos e interesses que pretendem obter dividendos do alarme sobre a questão ecológica, tal como há outros que dizem que não há qualquer problema porque querem continuar com os atuais modelos de negócios (pensemos nas grandes petrolíferas, por exemplo).

3. Como diz o papa, no enfrentar a questão ecológica é preciso ter em conta os vários níveis de desenvolvimento dos países (os mais pobres não podem pagar as consequências de um desenvolvimento de que não usufruíram) e a solidariedade para com as gerações futuras. Como alguém disse, nós não herdamos o mundo dos nossos pais; pedimo-lo emprestado aos nossos netos.

4. O texto pode ter frases como:

a) Deus é o Criador e senhor da criação, logo o ser humano não pode explorá-la nem destruí-la, porque é apenas colaborador de Deus.

b) O papel do ser humano, segundo a vontade de Deus, não pode ser o de explorador e destruidor, mas antes administrador e guarda da natureza, como se o proprietário estivesse temporariamente ausente.

c) A Terra é a casa da humanidade pelo que há que cuidar dela, mantê-la arrumada, bonita, habitável.

d) A natureza é irmã do ser humano, como dizia Francisco de Assis, por isso a atitude do cristão só pode ser de respeito, nunca de abuso, exploração, morte.

e) Se o ser humano é criativo por natureza e por dom divino, deve, portanto, procurar soluções criativas para resolver o descalabro ecológico. Soluções centradas no bem comum, na participação de todos, na subsidiariedade, na solidariedade, na dignidade humana.

A POBREZA COMO OPÇÃO

Proposta de atividade (p. 61)

1. Essas formas podem ser a participação num grupo de solidariedade, a ajuda a um vizinho, a colaboração numa ONG, a visita a doentes e reclusos, a integração num grupo de partilha de recursos na escola em favor de colegas mais necessitados, dinamização de campanhas ocasionais, etc. Mas fica a pergunta: nessas ações, há verdadeiro encontro com o pobre? Quem conhece os pobres? Há pobres entre nós? Pobres por opção ou por obrigação?

2. Trabalho facilitado pelo recurso à *internet*. Mas deve-se evitar a cópia de textos. Será preferível apontar tópicos que as notas biográficas devem obrigatoriamente referir. Como a pergunta afirma, procure-se qual «a verdadeira motivação para assumirem a pobreza como estilo de vida». No caso de Madre Teresa foi identificar a queixa de Jesus Cristo: «Tenho sede», com os pobres.

Proposta de atividade (p. 62)

1. Podemos dividir o texto em quatro partes, consoante os parágrafos. 1.^a Introdução: a questão da divisão da herança revela o problema maior que é a relação com os bens. 2.^a Parábola da grande colheita: lição sobre a autossatisfação. 3.^a Lições sobre os bens materiais: apelo à confiança. 4.^a Conclusão: apelo a num novo estilo de vida.

2. A partir de um problema de divisão de heranças que é colocado a Jesus, ele percebe que a questão de fundo é outra: a relação com os bens económicos. Assim, conta a história de alguém ambicioso e que se compraz com as suas conquistas, mas que é traído pela morte. Jesus remata que o importante é acumular riquezas aos olhos de Deus. Apresenta a seguir uma série de conselhos práticos que ajudam a viver com desprendimento, com atitude ecológica — dizemos hoje — em harmonia com a natureza, sem a atitude predadora que caracteriza o consumismo. Jesus conclui com o apelo a uma mudança de estilo de vida, uma conversão: «arranjem bolsas que nunca se estraguem...» E deixa um aviso intemporal: «Onde tiveram a riqueza, aí terão o coração».

3. Despreocupação (não obsessão): «não andem preocupados com o que hão de comer»; confiança em Deus: «têm um Pai que sabe muito bem do que precisam»; solidariedade: «vendam o que têm e deem o dinheiro aos pobres»; mudança de perspetiva sobre o que realmente vale: «depositem no céu uma riqueza que não se esgota».

4. É uma perspectiva exigente. Por vezes parece irrealizável. Se todos vendêssemos tudo, se nada produzíssemos, seria viável a vida em sociedade? No entanto, há aqui um apelo a irmos mais longe na relação de liberdade para com os bens económicos, a diversificarmos as nossas riquezas, a termos um estilo de vida mais ecológico, mais natural. É um apelo a todos os cristãos. E, como algumas pessoas mostram (os santos), esta atitude é plenamente realizável na vida do dia a dia. Mesmo numa grande cidade, trabalhando num gabinete altamente tecnológico, por exemplo, é possível viver os valores propostos por Jesus (ver resposta 3) e receber o reino que o Pai achou por bem dar-nos.